

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS

JAMILA PIOVEZANA TEIXEIRA

**A REMEMORAÇÃO DO PASSADO COMO VIA POLÍTICA PARA O  
ESCLARECIMENTO**

MARIANA  
2018

JAMILA PIOVEZANA TEIXEIRA

**A REMEMORAÇÃO DO PASSADO COMO VIA POLÍTICA PARA O  
ESCLARECIMENTO**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Administração da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito obrigatório à obtenção do título de bacharel em Administração.

Orientadora: Profa. Dra. Carolina Machado Saraiva.

Mariana  
2018

T266r Teixeira, Jamila Piovezana.  
A rememoração do passado como via política para o esclarecimento  
[manuscrito] / Jamila Piovezana Teixeira. - 2018.

28f.:

Orientadora: Prof. Dr. Carolina Machado Saraiva.

Monografia (Graduação). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Ciências Econômicas e Gerenciais.

1. Memória - Aspectos sociais - Teses. 2. Cultura organizacional - Teses. I. Saraiva, Carolina Machado. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 005.73

Catálogo: [ficha@sisbin.ufop.br](mailto:ficha@sisbin.ufop.br)

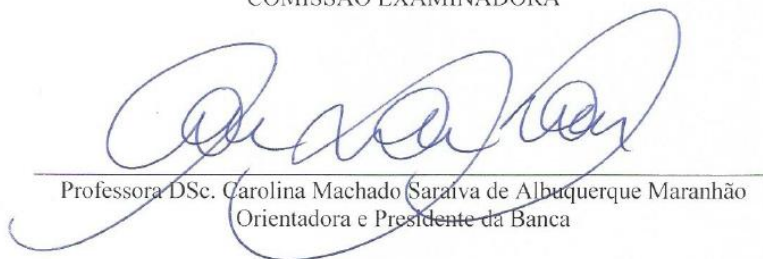
**FICHA DE APROVAÇÃO**

**JAMILA PIOVEZANA TEIXEIRA**

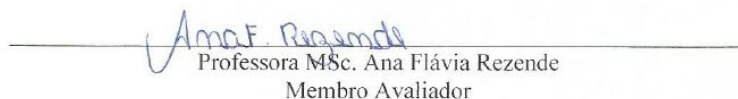
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Administração da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, como requisito à obtenção do Título de Bacharel.

Orientadora: Profa. DSc. Carolina Machado Saraiva de Albuquerque Maranhão

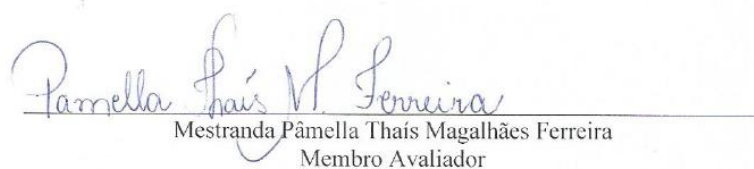
**COMISSÃO EXAMINADORA**



Professora DSc. Carolina Machado Saraiva de Albuquerque Maranhão  
Orientadora e Presidente da Banca



Professora MSc. Ana Flávia Rezende  
Membro Avaliador



Mestranda Pâmella Thaís Magalhães Ferreira  
Membro Avaliador

Mariana, 17 de julho de 2018.

## **AGRADECIMENTO**

Aos meus pais e irmãos, por sempre sonharem comigo.

A família Piovezana Polesca Teixeira, por me ensinarem o que é essencial.

A família Hidler, por ter me acolhido e amado.

A minha orientadora Carolina, por ter me ensinado a ir mais além do que a faculdade.

A Flavia, por ter sido uma parceira nessa jornada de conhecimento.

Aos meus amigos, pelo suporte e todas as risadas.

A república Relicário (Mariana), por ser lar.

A UFOP, por todo conhecimento e oportunidade de crescimento.

*O passado só estará plenamente elaborado no instante em que estiverem eliminadas as causas do que passou.*

**Theodor Adorno**

## **RESUMO**

Em 1960 Theodor Adorno escreveu um livro intitulado “Educação e Emancipação” que tinha como objetivo criticar a racionalidade instrumental através da compreensão do mundo reduzida a objetos manipuláveis. Como parte dessa crítica o autor desenvolveu um texto com título de “O que significa elaborar o passado”, em que analisa a construção da memória. O diálogo no mesmo acontece sob a ótica da Segunda Guerra Mundial: o autor discute até que ponto a barbárie permanece após o crime. Através da análise da barbárie ocorrida naquela época, sob a perspectiva do esclarecimento, este trabalho se propõe a realizar uma análise teórica sobre a relevância da elaboração do passado.

**Palavras-chave:** Memória. Adorno. Rememoração. Passado.

## **ABSTRACT**

In 1960 Theodor Adorno wrote a book entitled "Education and Emancipation" which aimed to criticize instrumental rationality through understanding the world reduced to manipulatives. As part of this critique the author has developed a text entitled "What it means to elaborate the past", in which it analyzes the construction of memory. Dialogue in the same happens from the perspective of World War II: the author discusses the extent to which barbarism remains after the crime. Through the analysis of the barbarity that occurred at that time, from the perspective of clarification, this work proposes to carry out a theoretical analysis on the relevance of the elaboration of the past.

**Keywords:** Memory. Adornment. Rememoration. Past.



## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
2.1 O que significa elaborar o passado: discussões sobre a construção da memória .	11
2.2 A reconstrução da memória como fazer político por Walter Benjamim (1987)...	16
2.3 A rememoração como via política para o esclarecimento .....	21
3. A CONSTRUÇÃO DO PASSADO NA ÁREA DE ADMINISTRAÇÃO.....	23
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	25
REFERÊNCIAS .....	26

## 1. INTRODUÇÃO

Ao início da Segunda Guerra Mundial, os estudiosos da escola de Frankfurt conseguiram se realocar para outros países escapando dos horrores que aconteceriam na Alemanha durante a sua ausência. Com o fim do Nazismo, os mesmos retornaram a seu país e ficaram espantados com o que encontraram. As notícias que recebiam em seus respectivos locais de refúgio eram incoerentes em relação ao que na realidade acontecia. Insatisfeito com o que ocorreu, Theodor Adorno desenvolveu uma obra com o intuito de criticar os sujeitos considerados esclarecidos que não impediram o acontecimento da barbárie.

Em sua jornada, Adorno aponta a importância da construção da memória como forma de emancipação de um presente livre de alienação:

“Nesta formulação, a elaboração do passado não significa elaborá-lo a sério, rompendo seu encanto por meio de uma consciência clara. Mas o que pretende, ao contrário, é encerrar a questão do passado, se possível inclusive riscando-o da memória. O gesto de tudo esquecer e perdoar, privativo de quem sofreu a injustiça acaba advindo dos partidários daqueles que praticaram a injustiça” (ADORNO, 1960, p. 29).

A elaboração do passado não se trata somente do ato de contar a história daqueles que foram vitoriosos, rememorar é um ato político para não se esquecer da barbárie. Trazer dignidade e justiça para aqueles que a sofreram. Construir o passado oferece a oportunidade de entender como a sociedade se comporta, e através dessa análise construir um presente e futuro sem barbárie.

Essa aplicabilidade também pode ser utilizada através construção da história empresarial e da elaboração da memória organizacional. Utilizando a organização como de pesquisa, o poder e o capitalismo irão definir o que será lembrado, trazendo como passado aquilo que é interessante a eles. Os autores da elaboração da memória possuem maior poder, levantando o capitalismo como prioridade comprometendo o armazenamento de informações.

Este trabalho possui como proposta apresentar discussões sobre a categoria da memória como possibilidade de desenvolvimento de estudos críticos na área da Administração. Para tal, será discutido o texto “O que significa elaborar o passado” de

Adorno e suas inter-relações com textos de Benjamin. A discussão da memória neste artigo perpassa sua compreensão como categoria política para a mudança social.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 O que significa elaborar o passado: discussões sobre a construção da memória**

O presente trabalho tem como base as fundamentações teóricas de Theodor Adorno (1960) em seu trabalho “O que significa elaborar o passado”. O autor, em sua obra, expõe uma realidade pouco tratada em sua época: a importância da elaboração do passado, realidade esta que o mesmo encarou após seu retorno à Alemanha após a Segunda Guerra Mundial.

Theodor Adorno como um dos estudiosos da Escola de Frankfurt quando estourou o indício de guerra na Alemanha; como forma de proteção, o autor e seus colegas se refugiaram em outros países até o momento que se mostrasse seguro voltar para casa. Durante o acontecido, Adorno alegava receber notícias da situação de seu país durante a guerra, mas ao retornar ficou perplexo e revoltado com o que se deparou: o que ouviu ou leu não correspondia com o que encontrou. Então, baseado em sua experiência, decidiu aprofundar-se no estudo sobre a construção do passado.

A elaboração do passado como esclarecimento é essencialmente uma tal inflexão em direção ao sujeito, reforçando a sua auto-consciência e, por essa via, também o seu eu. Ela deveria ser concomitante ao conhecimento daqueles inevitáveis truques de propaganda que atingem de maneira certa aquelas disposições psicológicas cuja existência precisamos pressupor nas pessoas (ADORNO, 1960, p. 48).

Tomando como objeto de pesquisa a construção do passado envolvendo a Segunda Guerra Mundial, Adorno ressalta a importância que a construção fidedigna do passado possui na história; deixando claro que passado, memória e história são três tratativas que devem estar sempre alinhadas. De acordo com Le Goff (1924), grande parte da sociedade acredita que o presente segue como modelo do passado quando se trata de realizar mudanças e inovações e, que há apenas uma pequena parte da sociedade que consegue isolar-se de mudanças. O autor ainda expõe que a evolução em forma de inovação só pode ocorrer no momento em que há um regresso ao passado. Segundo Costa e Saraiva (2011), em síntese, memória é a elaboração do passado encontrada no presente.

Em concordância, Pereira (2017) afirma que para reencontrar a história política de seu tempo é necessário compreender a elaboração do passado no processo de transição

de cura daqueles que sofrem sob exceção. Ele ainda ressalta que o presente que pertence ao passado é a condição para entender o que conceituamos como memória, assim tornando possível uma mudança de realidades existentes através de uma reconstrução do mundo.

Já Adorno (1960) ressalta que o passado terá sua elaboração comprometida dependendo da forma como o mesmo será referenciado no presente, ato que pode ser avaliado através da resistência à barbárie ou pelo simples remorso da mesma, compreendendo o que tratamos como incompreensível. O autor avança afirmando que nossa responsabilidade com o passado não deve ser negligenciada e aponta que não somos apenas espectadores na construção da história, concordando que nem sempre há a possibilidade de os sujeitos terem tempo para que tudo se estabilize ou melhore.

A elaboração do passado envolve não apenas o fato exposto em si, mas trata das diversas perspectivas que o mesmo dispõe. Reafirmando essa passagem, Costa e Saraiva (2011) escrevem que a construção da memória não é neutra. Sua condição flexível dispõe diversas perspectivas que em muitos momentos não envolvem imparcialidade, dando ao seu molde a reformulação de uma situação.

Jeanne Marie Gagnebin (2006) levanta um importante questionamento no que tange à memória: o porquê desse conceito sempre vir acompanhado do conceito de rastro. Rastro no sentido de memória estar sempre na linha tênue entre presente e passado, onde ambos entram em conflito no momento em que um irrompe o outro tentando resgatar algo que foi perdido e manter vivo o que transcorre no hoje. Rastro que persegue e mostra a fragilidade que mantém essa linha que ao mesmo tempo em que equilibra tira o equilíbrio.

A realidade advinda de que tratamos é a construção do passado em que há de certa forma uma mágoa ou ressentimento envolvendo barbárie, pois a elaboração do mesmo através de momentos considerados felizes não possui deturpação de fatos ou alienação através da informação. A construção do passado se torna um ato complexo e doloroso em muitos momentos, porque aglutina uma série de sentimentos que em muitos momentos são ignorados pelo poder e pelo capitalismo; envolve interesses de muitas partes, vira uma batalha por aquele que pode mais.

Em seu texto, Adorno (1960) ressalta que compreende a construção sem crítica do passado, a necessidade de se livrar do sofrimento atropela a importância histórica que essa dor possui. O autor afirma que não há como viver à sombra do sofrimento que um

passado cheio de barbárie possui, a necessidade de seguir em frente e esquecer o que houve ultrapassada a importância que a construção do passado tem, mesmo que esse ainda esteja muito presente.

A culpa, característica daqueles que possuem em seu passado a barbárie, mantém a realidade do que passou muito viva para aqueles que a viveram; razão pela qual a construção do passado se torna complicada. Essa realidade de um passado vivo se apresenta em grande parte para aqueles que o viveram enquanto vítimas e para aqueles que se enchem de culpa.

Certa feita, num debate científico, escrevi que em casa de carrasco não se deve lembrar a força para não provocar ressentimento. Porém a tendência de relacionar a recusa da culpa, seja ela inconsciente ou nem tão inconsciente assim, de maneira tão absurda com a ideia da elaboração do passado, é motivo suficiente para provocar considerações relativas a um plano que ainda hoje provoca tanto horror que vacilamos até em nomeá-lo. (ADORNO, p.29, 1960).

Esse sentimento de culpa interfere na construção da memória, que lembrar o que houve se torna tabu, transformando os causadores de uma grande barbárie em vítimas: justificam-se no ato de se arrepender, envergonhar-se como forma de recompensa por aquilo que causaram, sem medir que o ato de “pedir perdão” não desfaz o prejuízo e não muda os horrores que causaram e as pessoas que quebraram.

Ainda em seu diálogo, Adorno ressalta a culpa daqueles que simplesmente não interferiram, que se silenciaram por diversas causas, entre elas medo ou indiferença, alegando que não havia o que fazer a não ser esperar. O discurso usado por aqueles que se silenciaram diante de toda barbárie era que não eram eles quem a cometiam, e que não poderiam interferir, pois a mesma se voltaria contra eles.

Em seu texto “A filosofia e os professores” (1960), Adorno afirma que independente da severidade da situação na qual nos encontramos, não podemos nos conformar diante da mesma: mesmo que não encontremos formas de agir perante a essa, é necessário refletir acerca dela e suas possíveis consequências, mostrando criticidade diante daquilo que nos ocorre, e não aceitando de forma alienada tudo aquilo que nos é imposto. Ainda nesse mesmo texto, o autor afirma que a memória formada de ideologia e fatos se mostra deturpada pelo rompimento que ocorre entre o objeto e a reflexão quando os mesmos são manipulados.

Em muitos momentos a alienação imposta sobre o passado de barbárie seria facilmente aceita como justificativa de viver em sociedade. O ato de não estar sozinho

conforta o sujeito, que aceita de forma menos severa o horror a que está assistindo. Nesse contexto, a barbárie ocorrida durante a Segunda Guerra Mundial aflorou na sociedade alemã da época um narcisismo coletivo conhecido como nacionalismo, que logo foi substituído por culpa e vergonha na queda do nazismo; um dano que perdura até os tempos atuais. A mancha que se carrega por ser alemão avança cheia de ressentimento por aquilo que muitos nunca sequer viveram.

Assim, através do discurso de que nada lhes restava a não ser se adaptar à realidade política imposta à Alemanha, os sujeitos permaneceram alienados diante de tudo que ocorreu, abdicando deles mesmos para viver coletivamente. A promessa de democracia, sistema em que o conceito de felicidade e autonomia é seguro, se tornou descartável para manter-se em sociedade, modelo em que a ilusão se mostra comum.

Em seu texto “Educação após Auschwitz”, Adorno (1960) afirma que para a construção do passado é necessário buscar a raiz daqueles que executaram a barbárie com o intuito de encontrar o que os incentivou a cometer os horrores ocorridos, para que, despertando a consciência da sociedade alienada, estimule o sujeito ao ponto de reforçar diariamente o impedimento de se cometer a barbárie novamente. Ação que deve ser tomada diante do medo que permeia de tudo retornar, que, por sua vez, é um sentimento que impede ou dificulta a elaboração do passado, no sentido que a sociedade alienada incentiva a ideia de que para alguma mazela não ocorrer novamente, é preciso não trazer à tona o assunto, tornando aqueles que o mencionam sem medo responsáveis pela barbárie em detrimento daqueles que realmente o fizeram.

Por outro lado, para Gagnebin (2009), a responsabilidade de quem escreve o passado está na ética da história, que carrega em sua jornada a consciência: é o que o autor titula como criatividade narrativa e inventividade prática, explicando que mais do que reportar o que houve, o historiador possui a responsabilidade de se manter neutro diante daquilo que transcreve. Em contrapartida, Saraiva e Costa (2011) levantam a delicadeza da situação em que há um embate simbólico da elaboração do passado, que pode ser exposta no momento em que se lida com a memória humana, que, por sua vez, mostra-se falha ao encontrar filtros para aquilo que lhe causa dor, e pelo interesse capitalista em cima daquilo que se quer escrever, impedindo que não haja conveniência e proveito organizacional.

Segundo Saraiva e Costa (apud Le Goff, 2011), ao contrário do que outros autores afirmam, os mesmos acreditam que o passado resulta de um conjunto de escolhas, não se trata de fatos ou lembranças. As escolhas por eles mencionadas não se tratam das escolhas realizadas durante o processo ou a barbárie, mas as escolhas daqueles que a estudaram. Escolha dos profissionais e sujeitos responsáveis pela construção do passado, como jornalistas e publicitários que priorizam publicar aquilo que mais interessa ou que possui maior valor econômico, ignorando os reais fatos e as diversas perspectivas; historiadores que limitam seu campo de pesquisa e se atentam apenas para aquilo que lhe parece mais interessante, ignorando sua responsabilidade com a verdade. Escolhas essas que inviabilizam os documentos e os tornam questionáveis, alienando a sociedade e deturpando a elaboração da memória, causando um prejuízo em questão de construção de passado, presente e futuro.

Diante dessa alienação, culpa e todo ressentimento daqueles que cometeram barbáries e daqueles que se silenciaram diante dela, o passado se constrói baseado naquilo que consegue se extrair.

Mas mesmo acontecendo isto, o perigo permanece. O passado só estará plenamente elaborado no instante em que estiverem eliminadas as causas do que passou. O encantamento do passado pode manter-se até hoje unicamente porque continuam existindo as suas causas. (ADORNO, p. 49, 1960).

Ainda em seu diálogo com o passado, Saraiva e Costa (2011) concluem em seu artigo que a base para o resgate do passado é a linha tênue entre o construir e elaborar um presente, e que seria utopia querer que essa linha não esteja manipulada quando a memória é formada daquilo que opta-se por lembrar. Utilizando a organização como objeto de pesquisa, os autores afirmam que o poder e o capitalismo definem o que será lembrado e o que deve ser esquecido, trazendo como passado aquilo que melhor convir, não se mantendo fiel aos fatos. Situação que coloca em ordem hierárquica as lembranças, priorizando as memórias que melhor refletem a organização dominante e tragam lucro para a mesma; banalizando as memórias que podem prejudicar quem as constrói ou que simplesmente não trariam lucro para quem as divulga. Essas memórias, que são caracterizadas como memórias descartáveis, se tornam apenas sussurros que sem evidência são questionáveis, deslegitimando alguma parte do que houve e com tempo são esquecidos.

Conclui-se, então, que a responsabilidade que se carrega na elaboração da narrativa do passado, aparece para aqueles que o vivenciaram e aprenderam com ele,

trazendo junto aos mesmos a emancipação. Mas é importante lembrar que o passado só está seguro diante de sua construção quando todas as motivações que foram base para a barbárie não continue.

## **2.2 A reconstrução da memória como fazer político por Walter Benjamin (1987)**

No texto “Sobre o conceito de história” escrito em 1940 por Walter Benjamin (1987), é possível realizar a análise de como o autor discute esse tema ao propor a reconstrução da memória não somente como um ato histórico, mas um ato político. Isso ocorre quando o autor argumenta de forma a quase profetizar o progresso do mundo industrializado e suas consequências pessimistas para a sociedade. Jesus (2011) corrobora que:

Walter Benjamin traça a sua concepção de memória tendo como ponto de partida as suas críticas à linearidade temporal e ao progresso presente no historicismo alemão e na social-democracia alemã. O pensamento benjaminiano caminha em direção contrária às próprias filosofias da história, porquanto não se trata tão somente de críticas à linearidade temporal, mas às filosofias da história que pressupõem o progresso, soterrando os desvios e os solavancos da história. (JESUS, 2011, p. 1).

Para complementar essa ideia, conforme Soares, “[...] as 18 teses que compõem o texto refletem todo o descontentamento, desilusão e pessimismo revolucionário de Benjamin com os acontecimentos que se desenrolavam, especialmente na Europa” (SOARES, 2012, p. 93). A pesquisadora, ao descrever a obra de Benjamin (1987c), aponta que o autor usou de imagens e textos metafóricos para exprimir o conceito de história. “As três grandes imagens das teses são: o tabuleiro de xadrez turco (tese I), o anjo da história (tese IX) e as mônadas (tese XVII)” (SOARES, 2012, p.94).

Na tese I, Benjamin (1987c) “[...] anuncia um dos temas centrais do conjunto do texto ‘Sobre o conceito de história’: a associação paradoxal entre o materialismo e a teologia. Para dar conta dessa combinação, Benjamin cria uma alegoria irônica.” (LOWY, 2005, p.41). Logo no começo da tese, Benjamin (1987c) compara o materialismo histórico a um fantoche, mas de acordo com Lowy (2005) o autor discute esse boneco como um falso materialismo histórico que seria conveniente aos porta-vozes da história. Esse fantoche é colocado à frente de um tabuleiro de xadrez turco e para ganhar a partida era necessário que ele contasse com a ajuda da teologia. Para isso, o autor compara a teologia a um anão escondido dentro da mesa que movimentava o jogo a fim que houvesse triunfo. Lowy conclui, ao interpretar essa metáfora, que:



Essa questão é apresentada de maneira eminentemente paradoxal na alegoria, inicialmente, o anão teológico aparece como o mestre do autômato, de quem ele se serve como instrumento; ora, no final, ele escreve que o anão está "a serviço" do autômato. O que significa essa inversão? Uma hipótese possível é a de que Benjamin quer mostrar a complementaridade dialética entre os dois: a teologia e o materialismo histórico são ora o mestre, ora o servo; são ao mesmo tempo mestre e servo um do outro, eles precisam um do outro (LOWY, 2005, p. 45).

Portanto, “[...] o espírito messiânico é o componente fundamental capaz de agir, mesmo de forma oculta, junto com o materialismo histórico na vitória das classes oprimidas sobre o fascismo (tese I)” (SOARES, 2012, p. 94).

A segunda imagem a que Soares (2012) se refere é a do anjo da história da tese IX. Essa parte do texto se refere a “[...] um quadro de Klee que se chama Angelus Novus.” (BENJAMIM, 1987c, p. 226). Lowy aponta que a interpretação do quadro por Benjamim (1987c) exprime quase que uma profetização do que viria a ocorrer: “[...] seu prenúncio trágico parece anunciar Auschwitz e Hiroshima, as duas grandes catástrofes da história humana, as duas destruições mais monstruosas que vieram coroar o amontoado que ‘cresce até o céu’ (LOWY, 2005, p. 87). No quadro, o anjo tem o rosto virado para o lado onde vê o passado e ao mesmo tempo o futuro. O anjo enxerga a catástrofe e sabe que não pode impedi-la, porque:

Uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é que chamamos de progresso. (BENJAMIM, 1987c, p. 226).

Lowy traduz a passagem do texto acima ao compará-la a um trecho do texto de Adorno e Horkheimer (1985):

A tempestade que sopra do paraíso, sem dúvida, evoca a queda e a expulsão do jardim do Éden. Foi nesses termos que Adorno e Horkheimer a interpretaram, na passagem da Dialética do esclarecimento que retoma a imagem de Benjamin - mas sem a citar!: "O anjo com a espada em chamas, que expulsou os seres humanos do paraíso em direção ao caminho do progresso técnico, e ele mesmo a imagem sensível desse progresso. (LOWY, 2005, p. 89).

Lowy (2005) explica, então, que a tempestade catastrófica bíblica, o dilúvio, do trecho de Benjamim (1987c) é uma comparação à tempestade de fogo que destruiu Sodoma e Gomorra. O paralelo

[...] entre o dilúvio e o nazismo [foi sugerido] por Benjamin em uma carta a Scholem em janeiro de 1937, em que ele compara seu livro

*Deutsche Menschen* [Povo alemão] a uma "arca" construída "de acordo com o modelo judaico" - diante da "ascensão do dilúvio fascista (LOWY, 2005, p.93).

Outra correlação do significado dessa tempestade está na pesquisa de Soares ao deixar “[...] claro que, para o autor alemão, o progresso é a ‘tempestade’ que tudo arruína, destrói e que vem contribuir de forma decisiva para a catástrofe” (SOARES, 2012, p. 96). Sendo assim, a crítica ao progresso significa que:

O conformismo social-democrata deposita no progresso técnico sem atentar para os terríveis retrocessos sociais que a modernidade industrial/capitalista impõe, principalmente, à classe operária. Ele refuta a ideia de um progresso pacífico, igual para todos, que a teoria da social-democracia tenta fazer parecer que existe. Além disso, em sua crítica ao otimismo que vigorava em relação aos padrões de progresso da época, ele aponta para os perigos que surgem junto com o desenvolvimento técnico no que se refere ao desenvolvimento de armamentos e à exploração da natureza (SOARES, 2012, p. 96).

Finalmente, a terceira imagem apontada por Soares (2012) para exprimir o conceito de história discutido por Benjamim (1987c) são as mônadas presentes na tese XVII. De acordo com Lowy a “[...] rememoração tem por tarefa, segundo Benjamim, a construção de constelações que ligam o presente ao passado. Essas constelações, esses momentos arrancados da continuidade histórica vazia, são mônadas [...]” (LOWY, 2005, p. 131). Portanto, Benjamim (1987c), ao usar a imagem das mônadas, quer exemplificar que o historicismo tradicional somente acumula os acontecimentos em vez de correlacioná-los com outros momentos, como uma constelação que liga o passado ao presente. Sendo assim, Soares contribui que:

O materialista histórico olha para a história buscando ver as mônadas (tese XVII). A história, para ele, não é um momento fechado em si mesmo. Cada momento da história tem relação com outra época, com outro século, outro período, outra tendência, outro movimento. Cada momento é como uma semente que está pronta para germinar no tempo da história, e contribuir para o processo de construção da história. Ao buscar as mônadas, o historiador do materialismo histórico demonstra seu desejo de interromper o fluxo do tempo e mostrar que a partir de uma pequena ideia, a história que se formou poderia ter sido diferente. (SOARES, 2012, p. 97).

Lowy (2005) argumenta que o momento romântico de Benjamim não se refere apenas a uma Escola Artística e Literária, mas ao momento de crítica cultural da sociedade capitalista que já se declinava aos valores pré-capitalistas. A crítica do autor se pauta na reivindicação das consequências desses valores: “[...] a quantificação e a mecanização da vida, a reificação das relações sociais, a dissolução da comunidade e o desencantamento do mundo.” (LOWY, 2005, p. 18).

Ao explicar a influência do messianismo para Benjamin (1987c) na obra “Sobre o conceito de história”, Lowy argumenta que, para o autor, essa corrente se encontrava no “[...] cerne da concepção romântica do tempo e da história” (LOWY, 2005, p. 21). Na introdução de sua tese de doutorado, “Conceito de crítica de arte no Romantismo alemão” (1919), Benjamin insiste na ideia de que a essência histórica do Romantismo “[...] deve ser buscada no messianismo romântico”. Portanto, a emancipação através das lutas por liberdade seria a premissa para o alcance do homem ao Reino de Deus (LOWY, 2005).

Ademais, Jesus (2011) expõe que a “[...] respeito da tradição judaica messiânica, Benjamin se apropria de dois conceitos fundamentais que nortearão sua noção de memória: *rememoração* e *redenção (Erlösung)*” (JESUS, 2001, p. 2). Segundo a autora, a rememoração pode trazer de volta a memória do passado para a compreensão do momento agora. “Experiências perdidas são, portanto, conduzidas ao presente, no intuito de despertar aquilo que adormecia nos recônditos do esquecimento, no outrora” (JESUS, 2011, p. 2). Já a rememoração exprime a provável emancipação no tempo presente. Jesus (2011) explica que quando o sujeito se rende ao resgate das memórias do passado e de suas vítimas, é possível reparar o que foi feito, assim “[...] como observa Michael Löwy, a rememoração do sofrimento permite uma possível reparação das injustiças passadas.” (JESUS, 2011, p. 3).

De acordo com Lowy (2005), a parte do marxismo que mais chama a atenção de Benjamin (1987) e o ajudou a explicar o processo histórico de sua época foi a luta de classes. O próprio Benjamin explica que no seu texto que:

As lutas de classes, que um historiador educado por Marx jamais perde de vista, é uma luta pelas coisas brutas e materiais, sem as quais não existem as refinadas e espirituais. Mas na luta de classes essas coisas espirituais não podem ser representadas como despojos atribuídos ao vencedor. Elas se manifestam nessa luta sob a forma de confiança, da coragem, do humor, da astúcia, da firmeza, e agem de longe, do fundo dos tempos. Assim como as flores dirigem sua corola para o sol, o passado, graças a um misterioso heliotropismo, tenta dirigir-se para o sol que se levanta no céu da história. O materialismo histórico deve ficar atento a esta transformação, a mais imperceptível de todas. (BENJAMIN, 1987c, p. 223-224).

Lowy retrata também que “[...] o materialismo histórico não vai substituir suas intuições ‘antiprogredistas’, de inspiração romântica e messiânica: vai se articular com elas, assumindo assim uma qualidade crítica que o distingue radicalmente [...]” (LOWY, 2005, p. 22) do tipo de marxismo que dominava aquele período. Benjamin (1987)

percebeu que o progresso técnico e econômico do capitalismo viria a prejudicar a sociedade. Por isso, seu pessimismo quanto à ideia de “progresso” se apresenta como uma “[...] interrupção de uma evolução histórica que leva à catástrofe.” (LOWY, 2005, p. 23). Quanto a isso, Benjamin reafirma que “[...] cabe ao materialismo histórico fixar uma imagem do passado, como ela se apresenta, no momento do perigo, ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso.” (BENJAMIN, 1987, p. 224). Para o autor, o perigo está em se entregar como instrumento às classes dominantes, assim só um lado da história que foi contada vence, esquecendo-se totalmente daqueles que foram massacrados. Como ilustração dessa passagem, Benjamin exemplifica na tese VI que:

[...] o Messias não vem apenas como salvador; ele vem também como o vencedor do Anticristo. O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer. (BENJAMIN, 1987c, p. 224-225).

Nesse sentido, Jesus interpreta que, para Benjamin (1987), o progresso assume um caráter negativo: ele

[...] é fundado na catástrofe e no inferno, ele não possibilita o desejo por outro estado de coisas, mas sempre apresenta o mesmo. Benjamin, no entanto, amplia essa noção de inferno à própria modernidade, demonstrando que ela se funde no Inferno.” (JESUS, 2011, p. 1-2).

Jesus (2011) também traduz que na visão benjaminiana, o inferno seria a metáfora da pintura que teve os seus traços pincelados em modernidade, porém tais traços demonstram uma repetição disfarçada de novidade. É como se o pincel tivesse as mesmas penas, mas elas se retratariam sempre como novas. Nessa perspectiva, dificilmente os traços sairiam diferentes. “É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências.” (BENJAMIM, 1987b, p. 198).

Ainda na discussão anterior, Jesus cita que o “[...] pior dos Infernos é, nessa concepção, o de alguns personagens da mitologia grega: Sísifo, Tântalo e as Danaides são condenados ao eterno retorno da mesma punição” (JESUS, 2011, p. 2). Lowy (2005) relata, nesse contexto, que Benjamin (1987c) compara o castigo da história de Sísifo ao trabalho do operário que repete o mesmo movimento várias vezes. Porém, essa condenação ao inferno não chega somente ao operário, mas a “[...] toda a sociedade moderna, dominada pela mercadoria, e submetida à repetição, ao ‘sempre igual’

(*Immergleichen*) disfarçado em novidade e moda: no reino mercantil.” (LOWY, 2005, p. 90).

Soares (2012) afirma que Benjamin (1987c) ao propor a rememoração do passado procura dar voz aos sujeitos que foram silenciados. Ao ouvir os excluídos, o autor traz a possibilidade de dá-los poder para que o passado desses oprimidos não volte a se repetir no presente. “A rememoração é o que pode impelir as novas gerações a perseverar na luta contra os opressores” (SOARES, 2012, p. 97).

Costa; Saraiva definem memória como “[...] condição daquilo que se tem no presente e que pertence ao passado” (COSTA;SARAIVA, 2011, p. 1763). Portanto, ela é um fenômeno elaborado socialmente que permite modificações, ou seja, “[...] isto significa que a memória, quando formalizada, torna possível uma (re) elaboração do mundo, transformando e sustentando realidades existentes” (COSTA; SARAIVA, 2011, p. 1763). Nesse sentido, memória para Benjamin (1987c) tem um papel de suma importância para se escrever um novo conceito de história. Ao se permitir a rememoração do passado como possibilidade de redenção, o autor oferece a oportunidade de se sair das amarras de um passado que predetermina o presente para a construção social de um momento agora diferente.

O confronto com fatos desconhecidos propicia o acerto e uma nova escrita das memórias que estavam ancoradas. Assim, tem-se a chance de se conhecerem novos agentes e novos fatos que estavam silenciados. Nesse sentido, Soares (2012) mostra que é plausível certificar que ocorrerão mudanças, “[...] além de surgirem, por parte de estudiosos, críticas a histórias e memórias oficiais, são desenvolvidos, também, conceitos sociológicos mais flexíveis que buscam compreender a construção da memória em uma perspectiva que acolhe a pluralidade.” (SOARES, 2012, p. 98).

Por fim, Benjamin mostra que “[...] o importante, para o autor que rememora, não é o que ele viveu, mas o tecido da sua rememoração [...]” (BENJAMIN, 1987a, p. 37). Por isso, há a necessidade de relembrar o passado para que ele não limite o presente, “[...] pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que um acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois.” (BENJAMIM, 1987a, p. 370).

### **2.3 A rememoração como via política para o esclarecimento**

O conceito de história que será discutido a seguir tem como via de saída para o esclarecimento a rememoração dos ideais do passado que permitiriam a emancipação dos indivíduos e do seu potencial crítico frente à barbárie. A dialética como forma de discussão “[...] precisa ser resgatada pela memória que ganha um poder ativo e produtor de sentidos ao resignificar o presente como modificação e revolução, cura individual ou realização de uma racionalidade realmente esclarecida” (COSTA, 2016, p. 63).

De acordo com Benjamin na tese VI do seu estudo sobre a conceituação do que é história, “[...] articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’, Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo.” (BENJAMIN, 1987c, p. 224). Esse perigo para o autor significa que a tradição e aquele que é oprimido estão ameaçados pela classe que domina. Lowy orienta que esse “[...] momento de perigo para o sujeito histórico - ou seja, para as classes oprimidas (e para o historiador que optou por este campo) – é aquele em que surge a imagem autêntica do passado” (LOWY, 2005, p. 65). Assim, reconhecendo a imagem verdadeira, é possível confrontá-la com a história que está sendo contada. Por isso, há a necessidade de prestar atenção ao que se passa rapidamente despercebido, para atualizar a tradição antes que se perca a oportunidade de confrontá-la. Esse momento de lampejo, ou seja, de luz, não pode se ater ao conformismo e nem se deixar levar como instrumento daqueles que se apoderaram como triunfadores. Soares define que cada lampejo percebido pode ser comparado a:

[...] uma metáfora de Walter Benjamin, como uma estrela perdida na imensidão do céu. Isoladas, essas imagens verdadeiras, na maioria das vezes, mal são reconhecidas, perdem sua força e seu brilho, podem ficar perdidas no tempo homogêneo e vazio ou até mesmo ser usadas em benefício do discurso triunfal dos vencedores. No entanto, quando essas imagens de importantes momentos do passado são sucessivamente rememoradas – como estrelas que ao se reunirem, formam um traçado e se constituem em uma constelação devidamente reconhecida e nomeada –, elas adquirem força necessária para serem capazes de romper o *continuum* do tempo como uma “constelação salvadora” e ligar o presente e o passado. (SANTOS, 2012, p. 101).

Benjamin em sua tese XVII mostra ainda que “[...] o materialista histórico só se aproxima de um objeto histórico quando o confronta enquanto mônada.” (BENJAMIN, 1987c, p. 231), ou seja, esse momento em que o indivíduo é capaz de fazer a constelação entre o passado e o presente ao qual Benjamin (1987c) se refere como mônadas é um instante de esclarecimento. Nesse ápice, o sujeito entende que existe “[...] uma oportunidade revolucionária de lutar por um passado oprimido” (BENJAMIM, 1987, p. 231). Soares interpreta que essa chance de revolução, “[...] pode ser concretizada quando

este instante, na forma de uma ação política, provocar a entrada em um determinado ‘compartimento’ do passado, até então fechado” (SOARES, 2012, p. 101). Esse lampejo do despertar da consciência pode ser resgatado pela educação; é o que Adorno argumenta: “[...] onde a educação política é levada a sério e não como simples obrigação inoportuna, ela provoca um bem maior do que normalmente se supõe.” (ADORNO, 1995, p. 45). Nesse sentido, Soares corrobora que:

É preciso agir. Não se pode ficar passivamente esperando que a revolução aconteça por si só, é preciso provocá-la, lutar por ela. Ele entende que o desejo de uma sociedade sem classes, que não é uma consequência ou uma meta do progresso da história, só será realizado por meio dessa ação política. E essa ação política, segundo o pensamento benjaminiano inclui, conjuntamente, a memória [...]. (SOARES, 2012, p. 101).

Nesse sentido, Gagnebin (2009) enfatiza que o ato político de rememorar o passado é uma tarefa paradoxal que Benjamin (1987c) e outros autores deixam como escrito. A filósofa resume a obra benjaminiana em uma leitura que prega a função de “[...] não esquecer dos mortos, dos vencidos, não calar, mais uma vez, suas vozes - isto é, cumprir uma exigência de transmissão e de escritura.” (GAGNEBIN, 2009, p. 11). Gagnebin ainda explica que rememorar:

[...] não tira sua força mais viva da conservação do passado e da perseverança de escritores, historiadores ou filósofos; mas do apelo à felicidade do presente, isto é, em termos filosóficos antigos, da exigência da vida justa dos homens junto a outros homens. Ouvir o apelo do passado significa também estar atento a esse apelo de felicidade e, portanto, de transformação do presente, mesmo quando ele parece estar sufocado e ressoar de maneira quase inaudível.

### **3. A CONSTRUÇÃO DO PASSADO NA ÁREA DE ADMINISTRAÇÃO**

Adorno (1960) afirma que a organização social em que vivemos permanece submissa o que resulta em sujeitos que não conseguem viver sob suas próprias premissas. Como consequência, a sociedade se conserva alienando as pessoas que a compõem através de instituições que utilizam diversas ferramentas como canais para desviar a consciência das mesmas. Nesse contexto, a elaboração da memória se mostra um dos caminhos que permitem que haja emancipação através na análise crítica daquilo que aconteceu.

Durante todo este trabalho, foi exposta, de forma abrangente, a importância da construção do passado, seus efeitos na sociedade e em seus sujeitos durante o presente

através da elaboração do futuro. Essa relevância pode ser observada de forma mais detalhada dentro de diversas esferas, umas delas é a área de Administração.

Para Ottonicar e Conditta (2010) a sociedade contemporânea tem se preocupado de forma mais concreta com a construção da memória organizacional; os autores apontam que tal preocupação advém da noção de que a mesma é um fator relevante de conhecimento sobrevivência das organizações através da retenção de informação.

Ainda seguindo essa linha de pensamento, Ottonicar e Conditta (2010) ressaltam em seu trabalho que, através dessa ferramenta, a organização objetiva a obtenção de melhores resultados por meio do desenvolvimento e planejamento tático da empresa com a armazenagem de documentos e informações relevantes. O método ainda pode ser utilizado durante a apropriação de conhecimentos passados para os indivíduos pertencentes da organização.

Já Pereira (2013) expõe que memória organizacional não se restringe ao conceito de história empresarial, formando um ciclo cronológico de todos os acontecimentos e processos ocorridos em determinado momento durante a formação da organização. O mesmo se apresenta como parte desse ciclo e não um sinônimo de história, interpassando as dimensões de passado e presente.

O autor permanece explicitando que a memória organizacional não trata apenas de uma construção, mas de uma ferramenta que possui diversas alternativas de exploração dentro da organização, como o potencial produtivo de desenvolvimento de novos produtos e serviços, através da potencialização de determinadas áreas, realizando novas parcerias internas e externas por meio do relacionamento corporativo através do *marketing*, entre outros.

Para Pereira (2013), a memória organizacional possui um potencial exploratório que abrange diversas oportunidades de crescimento e desenvolvimento da organização. Essa aplicabilidade pode ser utilizada através construção da história empresarial e da gestão de conhecimento como meios de geração de novos produtos e para o desenvolvimento da gestão de pessoas potencializando os indivíduos pertencentes à mesma.

Freire et. al (2011) salientam que o saber organizacional é administrado através da gestão do conhecimento que dá suporte e manutenção ao mesmo, transformando toda



ação e decisão dentro da organização em uma biblioteca organizacional que auxilia na preservação e compartilhamento de conhecimento entre os sujeitos que a compõem. Entretanto os autores empõem que para a utilização dessa ferramenta é necessário administrar o processo de construção de conhecimento organizacional, auxiliando na transformação de informação em conhecimento. Esse processo possui relevância no tratamento de compartilhamento de tarefas, experiências e habilidades.

Esse passado de que a organização se apropria é descrito por Gagnebin (2006) em seu livro “Lembrar escrever esquecer”, a mesma afirma que através de duas questões iniciais podemos chegar ao conceito de rastro, sendo elas relativas à memória e à escrita. A autora pontua que há delicadeza e fragilidade imposta nas duas questões e a essencialidade dos dois conceitos forma a essência do que chama de rastro. Memória e escrita andam entrelaçadas no caminho para construção do passado, da qual a maior responsabilidade é do historiador, que precisa encontrar a essência das duas para elaborar o rastro.

Saraiva e Costa (2011) discutem a apropriação da memória para as empresas, na qual o resgate histórico através da perspectiva do pesquisador é entrelaçado ao interesse particular dos gestores da organização, que define quais informações são relevantes de lembrança e quais devem ser esquecidas; processo esse que não constrói um passado neutro. Os autores tratam esse momento como um processo deturpado que levanta o capitalismo como prioridade daqueles que possuem maior poder em detrimento de respeitar o ciclo cronológico da construção da memória, rompimento que compromete o armazenamento de informações. Os autores permanecem argumentando que a memória organizacional é um instrumento que forma a essencialidade da organização e o mesmo se torna um processo político e de poder. Tratando dessa forma os autores corroboram que traz a possibilidade de ampliar o escopo dos estudos organizacionais referente ao assunto.

A construção do passado descrita nessa seção demonstra que dentro da área de Administração esse processo auxilia na elaboração da memória que é utilizada dentro das empresas como uma ferramenta organizacional. A mesma não possui como intuito a única construção história da organização, mas também como forma de potencializar a mesma ampliando seu mercado externo e interno.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo proposto por este trabalho era realizar uma análise teórica sobre a construção do passado sob a ótica do texto de Theodor Adorno, “O que significa elaborar o passado”. Ainda foram utilizados na construção da análise sobre o passado foram os textos de Walter Benjamin como forma de inter-relacionar o estudo do passado.

Durante a análise elaborado foi constatado que o passado possui uma importância marcante da construção do presente e do futuro. O futuro é uma junção do presente e do passado. É através da avaliação das decisões e ações tomadas anteriormente e as consequências que as mesmas obtiveram, que podemos nos aprimorarmos. O passado não tem como único objetivo a construção intrínseca do que aconteceu, mas a oportunidade de potencializar e corrigir o que houve.

Dentro da organização o passado pode ser utilizado como caminho para construção da memória organizacional. Essa ferramenta tem o potencial de maximizar a capacidade das empresas. Pode transformar informação em conhecimento, aprimorando a forma de repassagem e armazenagem de dados e processos.

## **REFERÊNCIAS**

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

ADORNO, Theodor W. O que significa elaborar o passado. In: \_\_\_\_\_. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1955, p. 29-50.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987a.

BENJAMIN, Walter. O narrador Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987b.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987c.

COSTA, Alessandra de Sá Mello da; SARAIVA, Luiz Alex Silva. Memória e formalização social do passado nas organizações. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 45, n. 6, p. 1761-1780, 2011.

COSTA, Virginia Helena Ferreira da. Sobre a dialética e o conceito de história em “Dialética do Esclarecimento”: um paralelo entre Benjamin e Freud. **Kínesis-Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia**, São Paulo, v. 8, n. 16, 2016.

FREIRE, P. S. et al. Memória organizacional e seu papel na gestão do conhecimento. **Revista de ciências da administração**, Porto Alegre, v. 14, n. 33, p. 41-45, ago. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/adm/article/view/2175-8077.2012v14n33p41/22535>>. Acesso em: 29 jun. 2018.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2009.

JESUS, A. L.. Walter Benjamin e a História: reflexões sobre as temporalidades da memória. In: Seminário Nacional de História da Historiografia: biografia e história intelectual, 5., Mariana, 2011. **Caderno de resumos & Anais...** Ouro Preto: EDUFOP, 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin**: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2005.

OTTONICAR S.L.C.; CONDUTTA L.F. **A importância da memória para a gestão da informação e do conhecimento**. São Paulo, 2010.

PEREIRA, Claudio de Souza. **Memória Organizacional: conceito e práticas em construção**. In: ENANPAD, 37, Rio de Janeiro, 2013.

SOARES, Renata Ribeiro Gomes de Queiroz. Sobre o conceito de história em Walter Benjamin. **Vértices**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 93-102, 2012.

## DECLARAÇÃO

Certifico que a aluna **Jamila Piovezana Teixeira**, autora do trabalho de conclusão de curso intitulado “**A REMEMORAÇÃO DO PASSADO COMO VIA POLÍTICA PARA O ESCLARECIMENTO**”, realizou as correções sugeridas pela banca examinadora e que estou de acordo com a versão final do trabalho.



Professora DSc. Carolina Machado Saraiva de Albuquerque Maranhão  
Orientadora

Mariana, 29 de 07 de 2018.